

CLAUDIA AYRES DE ALMEIDA
DITADO PELO ESPÍRITO PEDRO

ACONTECEU
... NA ...
Galileia
O DESPERTAR

© 2021 Claudia Ayres de Almeida

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição - novembro/2021 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Victor Benatti

REVISÃO | Letícia Rodrigues de Camargo

Ficha catalográfica

Pedro, (Espírito)

Aconteceu na Galileia, volume 1 - O despertar / pelo espírito Pedro; [psicografado por] Claudia Ayres de Almeida - 1ª ed. nov. 2021 - Capivari-SP: Editora EME.

352 pág.

ISBN 978-65-5543-063-9

1. Romance mediúnico. 2. Romance dos princípios do cristianismo.

3. Passagens do Novo Testamento. 4. Personagens históricos.

I. TÍTULO

CDD 133.9

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 400 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080 - Vila Fátima

CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 ☎ | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br



Nota de esclarecimento:

Pela amplitude desta narrativa, a Editora optou por dividir o livro em dois volumes, o primeiro com o subtítulo *O despertar*, e o segundo com o subtítulo *O nazareno*, que podem ser lidos separadamente, mas que também se complementam, formando assim esta história, narrada com o título *Aconteceu na Galileia*.



A palavra *D-us*, ou *D'us*, é uma das formas utilizadas por alguns judeus lusófonos para se referirem a Deus sem citar seu nome completo, em respeito ao terceiro mandamento recebido por Moisés, pelo qual Deus teria ordenado que Seu nome não fosse invocado em vão. O judaísmo então cumpriu o mandamento não escrevendo o nome de Deus em nada que se consuma; exemplificando: ao se escrever o nome de Deus em um papel, o fogo pode consumi-lo. Outra forma utilizada pelos judeus para o mesmo fim é *HaShem*.

Por outro lado, muitas pessoas entendem “erroneamente” que a razão pela qual um judeu escreve o nome *D'us* desta forma seja para não O pronunciar em vão! Mas esta é uma questão de escrita e não de fala; a razão é outra: “tratar o nome de *D'us* com reverência é uma maneira de mostrar respeito a *D'us*. Este respeito adicional não reside no temor de infringir um mandamento e sim no amor pelo seu Criador”.

Sumário

1. Uma nova vida	7
2. Cafarnaum, a cidade de Simeão	18
3. O funeral	24
4. O veneno	32
5. O precursor.....	48
6. O enlace de Mia	63
7. Corazim, Betsaida e Cafarnaum	70
8. O batismo	91
9. O aborto	102
10. O Messias.....	119
11. A moléstia	146
12. O assassinato	158
13. O segredo de Dan	176
14. A trama	193
15. O mal se volta ao malfeitor	208
16. O perseguidor das sombras.....	229
17. Bondade desconhecida	237
18. As pregações	246
19. A pretensão de Elisha	256
20. O sermão do amor	272

21. O pacto	291
22. A tragédia familiar	297
23. Astúcia e destemperança	303
24. Tormento e dor	319
25. Desencontros	328
26. Misérias e ilusões	337
27. O encontro	345

1. Uma nova vida

ENCONTRAREMOS OS PERSONAGENS de nossa história em uma doce e agradável cidade, Betsaida¹, sob o sol escarlate da Palestina, a cidade no seu ir e vir de moradores, um povo que transita à beira do lago de Genesaré, onde seus vales férteis frutificam.

Betsaida da pesca, das brisas cálidas, suas ruas formadas por pedras brutas fincadas ao solo, suas casas em grande maioria de pedras com telhados de palha. Adentremos nesta cidade por suas vielas até a parte alta.

Por entre as ruas, uma casa nos convida a atenção, muro baixo, ornado por pedras rústicas e pátio amplo; à esquerda, um local para os animais; no pátio, árvores frondosas exalam o cheiro de sândalo, e vegetação rasteira cobre parte do muro, ornamentando a casa singela. Figura pálida transita pelo pátio; parece aflita, o rosto fita o céu no azul extenso, percorre com o olhar a figueira, prefere sentar-se à beira das flores em pequeno banco de pedra; em suas feições jovens podemos notar certa preocupação; seus cabelos estão cobertos pelo véu, e suas roupas não conseguem disfarçar a gestação avançada no oitavo mês.

É Marta. Ali se encontrava preocupada com a indisposição que sentia. Pousa as mãos sobre o ventre tentando sentir o bebê, que não mexia. Era o filho que Elisha esperava (queria muito que fosse um menino); ela sentia uma dor desagradável, tentou acomodar-se mais. Deveria ter acompanhado o marido à sinagoga, afinal era shabat² e, pela tradição, as mulheres grávidas têm que ocupar os ouvidos com a leitura da Torá – é bom para que seus filhos sejam abençoados com a tradição. Sentiu-se tonta, uma dor mais forte ao pé do ventre a fez gritar por sua serva.

– Mia! Mia!

Rapidamente uma jovem esguia, de pele morena, contando seus vinte anos, se apresentou.

– Senhora, o que posso fazer? – perguntou a jovem, percebendo sua palidez.

– Vá buscar a mãe de Efrat. Não me sinto bem, ajude-me a entrar.

Fazendo um esforço para erguer-se, sentiu um líquido escorrer de suas pernas; era chegado o momento; aflita por se sentir só, disse:

1 *Betsaida* (“casa da pesca”, em hebraico) era uma povoação piscatória a nordeste do Mar da Galileia, situada a alguns quilômetros de Cafarnaum. Um cataclismo, entretanto, erguendo-a, afastou-a do lago. De acordo com o Evangelho de João, os apóstolos Pedro, André e Felipe eram naturais desta povoação (João 1:44). (Wikipedia)

2 *Shabat* (do hebraico שבת, shabât; shabos ou shabes na pronúncia asquenazita, “descanso/inatividade”), também grafado como sabá (português brasileiro) ou sabat (português europeu), é o nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia em Gênesis, após os seis dias da Criação.

– Mia, vá rápido ter com Reina, o bebê vai nascer. Mande alguém chamar Elisha.

– Está bem, senhora, fique aqui – disse Mia, após deixá-la em seu leito – que em breve retorno.

Mia retirou-se a passos rápidos dos aposentos de sua senhora, foi até o pátio e chamou por Abed.

– Abed, Abed.

Rapazola de baixa estatura se apresentou, olhos negros, pele queimada do sol, parecia alerta a qualquer movimento.

– Sim, Mia.

– Vá até a sinagoga e diga ao senhor Elisha que a senhora dará à luz hoje, vá rápido.

Abed retrucou:

– Eu não entro na sinagoga, sabe disso.

– Não importa. Chame alguém, e rápido!

Logo o rapaz saiu e Mia partiu pelas vielas descendo até a altura do mercado. No movimentado mercado de Betsaida encontramos de tudo um pouco, especiarias, peixe fresco, frutas, azeites, enfim, era o comércio local. A certa altura adentrou em uma modesta casa de tecidos; eram várias as estampas coloridas que ali ficavam expostas. Efrat a recebeu, percebendo que algo acontecia; não havia ido à sinagoga, pois neste dia tivera que receber as mercadorias vindas de Jop.

– *Shalom*, Mia. O que faz aqui? – disse ele polidamente.

– A senhora Marta precisa de sua mãe, o bebê vai nascer.

– Por D’us! Não está na hora? Elisha ainda não sabe? Entre, entre – disse ele aflito.

Reina, a mãe de Efrat, era uma bondosa matrona que tinha sessenta anos; com suas mãos pequenas, sempre auxiliara as jovens esposas nos momentos de dar à luz. Ela estava sentada a coser quando Mia chegou e, se ajoelhando, disse:

– Mãe de Efrat, venho pedir-lhe que me acompanhe. Minha senhora a chama, o rebento está por vir.

Reina olhou-a com a serenidade de quem já realizara muitos nascimentos e disse:

– Pelas luas e pelos sóis contam-se oito meses, um bebê pequeno por demais para sobreviver. Ah! Oremos.

Erguendo-se com dificuldade, pegou uma vela e acendeu-a. Com seu minúsculo corpo bem curvado pelo sofrimento do tempo, acendeu junto à vela um incenso e orou ao D’us de Israel.

Após a oração, buscou os seus apetrechos em uma sacola de tecido muito rústico; eram as ervas, os óleos, as mantas.

Mia a acompanhou pelas vielas empedradas, segurando-lhe o braço para que não escorregasse. Ao sair, o filho a observara, elevando as mãos ao céu em sinal de boa ida.

Não demorou muito para que Abed percorresse as vielas calorentas de Betsaida; era como uma seta, não parava um segundo a não ser para respirar, enquanto os transeuntes reclamavam dos esbarrões que o pequeno jovem provocava com seu ritmo célere.

A sinagoga era um edifício de profunda beleza, com suas colunas e suas escadas de pedra. Suave brisa balançava a vegetação que sobre as paredes cresciam como a bordar a entrada. As pilastras e o piso eram de uma pedra muito lisa e bela. Abed parou diante da sinagoga como que a esperar o término, sentindo-se mal por não poder entrar. Resolveu pedir auxílio a um dos assistentes do templo, que transitava naquele momento, para que chamasse Elisha, que não tardou a comparecer. Após ouvir o que ocorria, o varão pôs-se a caminho com Abed, porém, quando se aproximaram da primeira viela após saírem do templo, Elisha pediu que o jovem fosse à frente, pelo outro lado da cidade, na expectativa de que alcançasse Mía e Reina. Abed pôs-se a caminho sem nada falar; entretantes, Elisha rumava sob sol firme.

Ao deixar Abed, Elisha ia preocupado. Marta havia se queixado pela manhã, mas ele não dera a devida atenção, respondendo ser queixume natural ao seu estado. Agora, que subia pela viela, não conseguia atentar para mais nada a não ser no pensamento para sua querida esposa. O percurso parecia longo, as sandálias machucavam seu pé, tudo o incomodava; pensou em D'us, orou fervorosamente:

“Ergo meus olhos para o monte: de onde virá meu socorro? Meu socorro vem do Eterno, o Criador dos céus e da Terra, Ele não permitirá que meus pés vacilem, pois jamais se omite aquele que me guarda. O guardião de Israel jamais descuida, jamais dorme, D'us é minha proteção, como uma sombra me acompanha sua destra. De dia o sol não me ferirá, nem de noite a lua. D'us me guardará de todo o mal, guardará a minha alma. D'us guardará a minha saída e a minha entrada, desde agora e para sempre.”³

Ao final da oração, sentiu que uma tênue energia lhe revigorava, agora já avistava o muro de sua singela moradia. Não demorou a entrar em seu lar. Lavou as mãos e os pés e foi ao seu quarto. Sobre a cama simples, feita de madeira entalhada, Marta suave e tremia, contorcendo-se. Elisha ajoelhou-se e depositou um beijo em sua destra, e olhou ao redor como que a procurar por algo valioso – sim, o pequeno baú onde guardava os pergaminhos sagrados. Segurou um deles e entregou o outro nas mãos da esposa. Ela, olhando-o com afeto respeitoso, beijou a escritura do salmo e apertou-o em suas mãos como que a pedir proteção e forças a D'us. Neste instante, duas entidades suaves e luminosas se prostraram ao lado de seu leito, como a emitir vibrações sutis para o pequeno ser que iria nascer.

Reina, a mãe de Efrat, e Mía subiam pelas vielas quando foram interpeladas por Abed. O rapazola viera na frente para avisá-las que o seu senhor as aguardava impaciente em sua casa. Reina, pressentindo que algo errado pudesse ocorrer, avançou pela viela apressadamente. Ao chegarem em frente à casa, ouviram débil

3 Salmo 121.

choro, como de um ser frágil e pequeno que acabava de nascer. Mia apressou-se com Reina, e a cena que viram foi comovente – Elisha segurava o filho enquanto Marta, pálida no leito, parecia se exaurir. Ao perceber o que ocorria, Reina apressou-se a pedir para Mia seus utensílios e bandagens novas com água morna e uma de suas ervas, que trazia já amassada, com mirra e alecrim. Pegou o pequeno bebê, enrolou-o e o depositou no colo de Marta, que gemia baixo. Ao olhar para o filho, seu coração se enterneceu por gratidão a D’us, mas logo ela desmaiou de fraqueza. Elisha, preocupado, disse:

– Ela irá morrer, oh D’us!

– Não, Elisha, ela vai viver, pois D’us proverá a sua reabilitação. Chame Mia para me auxiliar e vá descansar.

A tarde caía, as bandagens eram trocadas, Marta estava mais calma, porém demasiadamente fraca; a febre que se iniciara estava branda, mas Reina, à cabeceira do leito, lhe ministrava uma porção medicamentosa misturada ao vinho. Mia adentrou o aposento para revezar com a velha matrona, que se retirou para ir ter com Elisha.

– Ela ficará bem se conseguir vencer esta noite. Ore, Elisha. Somente D’us tem o dom de curar.

Elisha, abalado, prostrou-se ao chão para suas orações e, clamando a D’us, com toda sua fé orou por aquela que era um pedaço de sua alma, a luz do seu coração, embora não a tivesse desposado por amor.

Toda a noite transcorreu sob expectativa. O pequeno e frágil bebê adormecera junto ao leito de sua mãe, envolto em uma espécie de cesto com mantos alvos. Nem sequer chorou. Parecia compreender o transe difícil que sua mãe passava.

Alta madrugada, quando Marta percebeu, através da fraca luz, a figura de sua própria mãe junto ao seu leito. Acreditou ser um sonho e se deixou levar pelas emanções de paz de sua mãe, que lhe disse⁴:

– Filha, D’us é misericordioso, proveu-lhe de bênçãos, você tem um bom esposo, tem também seu primogênito. Tenha fé e confiança n’Aquele que tudo sabe, pois o dia do seu julgamento virá em breve sob sua tenda. Não esmoreça, nem se revolte; será chamada ao testemunho juntamente com muitos outros que poderão adentrar o manancial do Éden. Confie e siga seu coração. Sua salvação não tardará.

Sem compreender o porquê de sua mãe estar ali, voltou os olhos para o lado e, percebendo o filho amado, adormeceu.

A bela entidade lançou os olhos ao alto como a clamar para o silêncio da noite pelo auxílio maior. Neste instante, centenas de micropartículas luminosas envolveram o leito, provocando uma sutil harmonia em todo cômodo.

4 “A visão de espíritos ocorre em estado normal ou somente em estado de êxtase? Pode ocorrer em condições perfeitamente normais; no entanto, as pessoas que os veem, na maior parte dos casos, se encontram num estado especial, próximo ao êxtase, o que dá a elas uma espécie de dupla vista”. (*O Livro dos Médiuns*, cap. VI, “Manifestações visuais”)

Após a noite, à primeira hora do dia, a idosa matrona, que em tudo auxiliou, buscou a companhia de Elisha e, sem muitas delongas, começou a conversa.

– Elisha, sei que hoje é um dia de grande alegria, mas tenho que lhe pôr a par da situação em que sua esposa se encontra. Ela não poderá mais conceber; pela delicadeza de seu estado, não suportará outra gestação. Será primordial que ela se abstenha, em qualquer hipótese. Cuide de seu filho e honre sua casa.

Elisha, que tudo ouvia em silêncio, compreendeu que naquele momento sua esposa morrerá para ele.

Após alguns dias, e embora se sentisse muito fraca, Marta resolveu participar da primeira cerimônia que antecede o *brit milá*⁵.

No primeiro sábado após o nascimento do filho, foi com seu esposo à sinagoga. A noite dos cânticos de amor ao Pai enchia todo o ambiente. Após os louvores, Elisha leu a Torá. Todos os vizinhos e amigos compareceram desejando felicidades ao novo membro da família. O pai encerrou a cerimônia cantando e exultando a D'us. Marta, sentindo-se cansada, retornou, enquanto Elisha prosseguiu na cerimônia, que durou toda noite. Pela manhã, Elisha dirigiu-se à sua residência para o preparo do *brit milá*. Caminhava pelas vielas estreitas cheio de uma felicidade que há muito não sentia. Desde a morte de seu mestre, nunca pensara que teria tantas alegrias. Enviaria convite a todos, sem esquecer-se dos parentes de sua esposa em Cafarnaum. Seria um fato memorável. Ele, como um dos doutores da sinagoga, não poderia deixar que o seu filho fosse esquecido na primeira aparição pública – teria a melhor cerimônia, a melhor festa.

Marta sentiu-se feliz, embora seu esposo parecesse distante – talvez pela alegria ou por todos os preparativos, ele não mais a procurara para palestrar sobre os assuntos de sua família; Marta acreditava que, talvez por ela estar muito frágil, seu esposo quisesse poupá-la. Ela sentia saudades de sua meia-irmã e prima, afinal, havia bastante tempo que não iam a Cafarnaum. Como estaria seu tio Aristóbulo e seu pai Barnabé? Estava divagando quando ouviu passos no pátio. Era Elisha, com sua túnica alva e seu corpo forte, adentrando os pátios da casa. Ele era um homem belo para seus quarenta anos, possuía a tez morena, olhos castanhos e uma barba longa bem trançada; era um estudioso da Torá, um verdadeiro rabino de sua cidade. Marta sentia certo afeto pelo esposo. Elisha, após lavar os pés e as mãos, pôs à mesa uma decantadeira de cerâmica que era usada para servir o vinho; o pão ázimo e o azeite também estavam dispostos. Marta observava o esposo de longe, quando ele lhe chamou:

– Senhora, venha à mesa, por favor – chamou-a erguendo a sua mão.

– Sim, meu esposo – disse Marta, com os olhos baixos, não querendo desrespeitar o esposo.

5 *Brit milá* (em hebraico הלימת ירב, literalmente “aliança da circuncisão”), também chamado de *bris milá* (na pronúncia asquenaze), é o nome dado à cerimônia religiosa judaica na qual o prepúcio dos recém-nascidos é cortado ao oitavo dia, como símbolo da aliança entre D'us e o povo de Israel. Também é nesta cerimônia que o menino recebe seu nome. Costuma-se realizar o *brit milá* em um café da manhã festivo.

– Estou pensando em convidar sua meia-irmã Orlit e o esposo Dan para fazer as honras do *kvater*⁶ na cerimônia.

– Isso muito me alegrará, senhor Elisha.

Percebendo que sua esposa estava feliz, Elisha sorriu, proferindo *Jeová shamá*⁷, e voltou a comer com grande apetite, enquanto Marta, em pé, observava.

* * *

A SEMANA TRANSCORRERA com um movimento amplo no pátio da casa; animais foram sacrificados para o evento, peixe, vinho, frutas e especiarias eram requisitadas no mercado. Apenas a chegada de Orlit e Dan havia quebrado a rotina dos servos, que, abnegados, se revezavam para os preparativos.

– *Shalom*, meu querido amigo Dan, *shalom*, Orlit – clamou aos seus convidados Elisha, sorrindo feliz. Chamou Mia, que logo se apresentou. – Prepare os aposentos, Mia. Por favor, entrem, como foi a viagem?

– Como sabe, cansativa, mas chegamos com a graça de D’us.

– Onde está Marta? – inquiriu Orlit.

– Aqui estou minha irmã, *shalom*.

E abraçaram-se.

– Onde está papai?

– Ele chegará na caravana em que vêm Zimra e Simeão. Sabe como ele é, quer vir conversando com tio Aristóbulo.

– E Zimra, como ela está?

– Depois do nascimento de sua filha, está mais calma, principalmente porque Simeão aumentou sua frota de barcos. Dizem que agora ele é um grande pescador – sorriram ambas. – Mas me mostre o seu primogênito, queremos muito conhecê-lo.

Enquanto se retiravam, Elisha convidou Dan para ceiar. Sentando-se à mesa, começaram a dialogar.

– Como está Cafarnaum? Ainda sob a forte influência do jugo romano?

Dan, rindo, replicou:

– Ora, meu caro, não esqueça que é uma cidade de comércio, importante vila de pescadores, e onde todo o azeite é fabricado.

– Isto não justifica – aduziu Elisha.

– Como não? Também não esqueça que tem um posto alfandegário e possui uma rota para o Egito e outra para Damasco.

– Creio, Dan, que isso apenas movimenta a cidade, demasiadamente.

– Sim, é verdade, o ir e vir é intenso, mas nada que nos ponha em risco. Afinal,

6 *Kvater*: o papel de padrinho(s) na cerimônia.

7 *Jeová shamá*: “O Senhor está presente”.

nossa localização é um privilégio. Estamos entre o Ocidente e o Oriente, próximos ao lago de Tiberíades; é natural este alvoroço.

E, sorrindo, prosseguiram no diálogo a respeito de Cafarnaum e sua localização.

Mais tarde, todos se reuniram na sinagoga para a cerimônia. A sinagoga estava repleta de membros e convidados.

Ao chegarem, Marta e Elisha foram recebidos pelos *kvater*, que vieram em sua direção. Orlit, com um doce sorriso, segurou o bebê e levou-o até Dan, que o guiou à cadeira do profeta⁸. Elisha, aproximando-se, pôs seu filho no colo do *Sandec*⁹. Apesar de muito emocionado, o próprio Elisha executou a circuncisão, não havendo a necessidade de um *mohel*¹⁰ fazê-lo. Depois, anunciou o nome de seu filho, Job. Todos se rejubilaram por mais um membro na grande família hebraica. Após a cerimônia, rumaram para a casa do varão.

A casa de Elisha estava repleta de convidados, a música suave enchia o ambiente de doçuras, a mesa, repleta de boa comida. Era servido a todos pão ázimo, vinho e peixe fresco. As doces vozes enchiam o ambiente e a um canto o lindo sol se encontrava com a paisagem do grande lago de Genesaré, que podia ser visto do pátio. A brisa era suave, e Marta segurava seu rebento, feliz por ter a seu lado a prima Zimra. Ambas pareciam transbordar de alegria, afinal, era o reencontro depois de um longo tempo. Zimra era esposa de Simeão, filha de Aristóbulo, descendente de uma família aristocrata, à qual Marta também pertencia. Após o seu casamento com Simeão, fora morar em Cafarnaum, na Vila Romana. Eles possuíam uma bela casa e Marta sentia imenso prazer em rever a prima, com quem tinha muitas afinidades.

– Ora, ora, Marta, que o D’us de Israel lhe dê muitas alegrias com seu Job. Agora será chamada de mãe de Job.

– Ah, estou agradecida a nosso D’us, pois já estava me achando infértil... Afinal o senhor ouviu minhas preces, ele me fez fértil e encheu de luz minha vida. Agora é só educá-lo junto a Elisha. Tenho certeza que seguirá o caminho do rabinato, ao qual o pai foi chamado, afinal, é o que Elisha espera.

– Eu não posso dizer o mesmo – disse Zimra –, afinal, Sara não poderá pegar peixes – riram.

– Ouvei dizer que seu esposo fez um bom negócio.

– Sim, Marta, André e Simeão resolveram aumentar a frota.

– Seu pai deve ter ficado feliz.

– Sim, claro, tudo em Cafarnaum gira em torno da pesca e do azeite. Mas diga-me: Elisha está mais calmo?

– Creio que sim, apesar de não falar.

8 *Cadeira do profeta*: o lugar principal da sinagoga. (Wikipedia)

9 *Sandec*: é um membro de responsabilidade, um doutor da lei – fariseu. (Wikipedia)

10 *Mohel*: é aquele que realiza a circuncisão. (Wikipedia)

– Sabe, Marta, todos ficamos apreensivos com a demora de seu filho, mas D’us é bondoso. Sabe quem sempre pergunta por você? – disse Zimra.

– Não. É alguém que eu imagine?

– Acho que sim. Lembra-se de nosso primo Caleb?

– Como não me recordaria? – e seu rosto enrubescceu. – Como ele está? Desposou alguma boa moça hebreia?

– Não, minha querida, ficou muito abalado quando soube de seu enlace. Todos já sabiam que ele ficaria triste, mas devo dizer-lhe...

Zimra respirou como que meditando se deveria falar.

– Diga-me, Zimra.

– Somos como irmãs. Ainda sente algo por Caleb, Marta?

– Não convém sentir, mas não devo mentir. Crescemos juntos, ele sempre me compreendeu. Afinal, todos esperavam que nós nos casássemos, mas não foi assim.

Marta baixou os olhos como que entristecida.

– Já sabemos desta história. Após a morte de sua mãe, seu pai não quis que você ficasse desamparada e lhe deu em casamento para Elisha. Acredito que meu tio não desejava a solidão para você. Bem, Caleb não é mais o mesmo, está mudado. Todos esses anos no Egito o tornaram outro homem.

Marta não pôde continuar a palestra, pois foi chamada ao aposento pelo choro de seu pequeno Job. Erguendo-se, pediu licença e rumou para lá com o coração apertado pelas lembranças de Caleb. Sentia-se vacilar diante das recordações.

A festa transcorria harmoniosa, o vinho, a música; no centro, um pequeno grupo de senhores se destacava – era Elisha com seus convidados de Cafarnaum. Seu sogro, homem austero, estava trajando uma túnica em tecido alvo, decorada com fios brilhosos; era um aristocrata, ao lado do seu irmão Aristóbulo. Ao lado destes estava Dan, um homem simples, mas extremamente culto, estudioso das leis, um rabino admirado em Cafarnaum. Ouvindo o diálogo, encontramos um homem forte, alto, aparentando trinta e poucos anos; sua firmeza e postura nos convida a um exame melhor: era Simeão, um homem de personalidade impulsiva, mas muito agradável. Os risos vinham animados pelas palavras de Simeão.

– Ora, quando compramos nossa nova frota de barcos, percebemos que fomos agraciados por Zebedeu, que, além de nos fornecer as embarcações, nos brindou com a presença de Tiago e João.

– E André? – inquiriu Elisha.

– Estava com receio – dizia Simeão –, mas, creia, não demorou a me agradecer pela ideia de unirmos nossas forças. E agora veja a multiplicidade de peixes! E poderemos render muito mais – ria, feliz com os bons negócios.

Aristóbulo, que a tudo observava, ponderou:

– Bem, agora já é hora de poupar Zimra da tarefa de vistoria do pescado. Ela é

muito jovem para isso, e depois, não devemos confiar em mulheres. Não merecem dirigir negócios, não têm talento, são falsas. Falo, pois, mesmo sendo minha filha, é mulher!¹¹

Simeão, tomando a palavra, disse:

– Senhor meu sogro, sua senhora, minha sogra, acredita que Zimra deva tomar parte nas tarefas de seu esposo. Ajuda nunca é demais, e depois, eu não possuo tantos servos que me possibilitem tal coisa.

Dan aduziu:

– Afinal, percebo que Simeão é um homem inteligente. Quem mais poderia ser a pessoa de confiança de um homem a não ser sua esposa? Ademais, não lhe furtará em nada, e você não lhe pagará nem uma moeda em troca de tal feito.

Os risos se notaram no semblante de todos diante da colocação de Dan.

Embora tudo transcorresse bem durante a festa, havia alguém que estava exausta: era Mia, a serva. Esquecida pelos convidados, sentia-se desprezada, mas quando estes começaram a se despedir, no final da tarde, pousou sua atenção em alguém.

Embevecido pelo ambiente maravilhoso de Betsaida, Elisha se dirigira ao pátio onde uma pequena sacada fora erguida para visualizar o grande lago de Genesaré. Sentiu a brisa refrescante e as primeiras estrelas a salientar-se no céu. Queria poder estar com seu mestre e pai, partilhar das alegrias que ele lhe dera durante todos os anos em que estudara as leis ao seu lado. Fechou os olhos e, como se pudesse sentir sua presença, orou a D'us com gratidão por tudo que recebera. Sem ser notada, Mia percebeu o momento de reflexão do seu senhor e, ao longe, o observava. Na verdade, Mia sentia seu coração pulsar de forma bem diferente por Elisha, afinal ela fora recebida naquela casa quando era uma menina e crescera alimentando o sonho de ser a dona daquele lar, que guardava tantas recordações de sua infância. Fora Elisha quem lhe ensinara muitas coisas; ela sempre o admirara, e não esperava que ele fosse desposar Marta, afinal, qual a diferença entre elas? Mia era judia, não tinha seus pais, mas crescera dentro das tradições, graças ao afeto de seu protetor, que a acolhera naquela casa. Ainda se recordava de quando viu Elisha pela primeira vez: sentiu desde o primeiro olhar uma ternura, um sentimento de paixão e ao mesmo tempo temor... Porém, o tempo passou, ela sempre foi vista como uma serva, uma irmã da casa. Na verdade, guardava mágoa: ela era bela, e ele escolhera Marta. Por que tinha que ir pregar em Cafarnaum? Se não fosse por isso, jamais teria se encontrado com ela... Estava pensativa quando, sem notar, Elisha a chamou, despertando-a de seu estado reflexivo.

11 A mulher, entre grande parte dos judeus, no passado aqui descrito, era não mais que um objeto pertencente ao marido, como seus servidores, suas edificações e demais posses legais. Ela devia ao esposo total lealdade; no entanto, era considerada como naturalmente infiel, desvirtuada e falsa. Por esta razão, sua palavra diante de um juiz praticamente não tinha valor.

Era comum na família judaica o pai dar ou vender sua filha a partir dos seis anos. Naquele tempo, não se via a mulher com “utilidade” a não ser a procriação. Os casamentos eram precoces; a partir dos 12 anos já se podia casar. (Nota do autor espiritual)

– Mia?... Mia! Você está bem?

– Sim, senhor, o que posso fazer para o senhor?

– Prepare o meu aposento, eu não irei mais dormir no mesmo quarto que minha esposa. Quero que o quarto ao lado seja preparado para mim – e, olhando-a, concluiu: – Mia, não conte a ninguém, compreendeu?

– Sim, meu senhor, sim.

E, saindo com o coração esperançoso, pensava: será que ele já se cansou dela?

Era noite calma, o pequeno Job dormia, Marta estava ansiosa para palestrar com seu esposo, não compreendia a demora do seu recolhimento. Soube que os hóspedes partiram após a festa, alegando necessidade de regresso ao lar, porém, quando ouviu o movimento no quarto ao lado, pensou que teriam mudado de ideia. Abrindo a porta que separava as salas, encontrou Mia arrumando os aposentos.

– O que está fazendo, Mia?

– É que o senhor seu esposo pediu-me que trouxesse os pertences dele para cá.

– Mas por quê?

O silêncio fez com que Marta se sentisse tonta... Tantos pensamentos lhe ocorreram, o coração descompassou-se. Com as pernas trêmulas, retornou ao seu leito. Elisha não a queria mais como esposa, com certeza desposaria outra... O que ela teria feito de errado? Havia lhe dado o filho que tanto desejara, isso não era suficiente? Chorou, chorou tristemente até adormecer.

Na bela manhã que sucedeu à festa na casa de Elisha, as notícias corriam por Betsaida. Afinal, havia sido um evento memorável para a comunidade local, que possuía certa condição elevada na sociedade da época.

No mercado, era o ir e vir de todos os dias. Estrangeiros chegavam e saíam, e pessoas de todas as redondezas se amontoavam nos pórticos de Betsaida. A cidade era linda e majestosa; a entrada era feita por duas colunas de pedra e, ao centro, os portões incrivelmente firmes se erguiam em madeira maciça. O viajor que por ali passava podia ver o mercado livre, com suas tendas, onde se encontrava todo tipo de iguaria e mercadorias de toda espécie. Passando pelo mercado encontrávamos a tenda de vinhos. Podia-se adquirir o vinho em sua essência pura para festas, ou o mais utilizado no dia a dia, em que era misturada água para diluí-lo. Acima do mercado existia a casa do tecelão, comércio de todo tipo de adornos para as donzelas e mulheres de Betsaida. Era no comércio do jovem Efrat que o supérfluo servia ao útil. Sua doce e boa mãe, Reina, era a parteira local e, por já estar em idade avançada, desejava ver seu único filho casado com uma boa moça. Naquele dia, resolvera encorajar Efrat:

– Meu filho, não acha que já está na hora de sua mãe ter netos? Afinal, você já vai fazer trinta anos.

– Ora, minha mãe... Tenho pensado nisso, e, sabe, já tenho a pessoa certa para esta casa, para lhe auxiliar e servir, e para ser minha companheira, se a senhora concordar.

A mãe, sentindo-se melhor, disse:

– Fale logo quem é esta que lhe ocupa o coração?

– Bem, mãe, é Mia.

A mãe olhou com um ar de satisfação. O filho escolhera bem, uma judia, criada segundo as tradições, segundo as leis; embora fosse serva, daria uma boa esposa, e, ademais, já estava acostumada com o serviço pesado.

– Que boa escolha, filho. Quando pretende levar ao conhecimento dos patrões dela?

– Mãe, sabe muito bem que Mia é como uma irmã para Elisha. Creio que ele não vá concordar de pronto, mas irei hoje se a senhora me abençoar.

– E por que não abençoaria? Tem a bênção de D’us, e, na hora de suas palavras com Elisha, *Jeová jiré*¹² sua conversa.

Efrat estava entusiasmado com as palavras de estímulo de sua mãe. Ele iria, ao cair da tarde, ao encontro de Elisha, fazer o pedido de corte a Mia. Já se sentia o homem mais feliz de Betsaida, afinal Mia era perfeita, bela, esguia, a mulher desejada dos seus sonhos masculinos.

12 *Jeová jiré*: “O Senhor proverá”. (Wikipedia)

2. Cafarnaum, a cidade de Simeão

O RETORNO A Cafarnaum foi lento e cansativo, mas necessário. Aristóbulo e Barnabé vinham à frente, acompanhados de Dan e Simeão; as mulheres e crianças iam na comitiva mais atrás, e estavam cansados e ansiosos para chegar a Cafarnaum. Quando já tinham caminhado sessenta estádios¹³, aproximadamente, perceberam que estavam próximos; já se podia avistar um pequeno vilarejo na Galileia, situado às margens do lago de Genesaré. Cafarnaum¹⁴, o vilarejo dos pescadores, a indústria do azeite; Cafarnaum, a cidade Romana do posto alfandegário, onde se cunhavam moedas; Cafarnaum, cidade importante de caminho para o Egito e Damasco, trânsito de várias mercadorias. Na bela Cafarnaum, sob os raios ensolarados, a arquitetura das casas se destacava, as ruas em sua maioria eram de pedra; as casas rústicas eram elevadas, com amplos muros colados por uma massa uniforme de barro; as pedras se uniam, elevando-se. À chegada, frondoso portão de madeira maciça se impunha na entrada principal. A arquitetura permitia que as casas fossem bem divididas, garantindo um espaço confortável aos seus moradores – isto para os que possuíam condições privilegiadas.

Ao chegarem a Cafarnaum, dirigiram-se para a casa de Simeão, onde todos residiam, exceto Dan, Orlit e seu pai Barnabé, que pararam para breve repouso. A casa de Simeão era confortável e ampla. Após entrar pelo portão, havia um amplo pátio com jardim e a moenda de azeite. A casa possuía quatro alas onde eram subdivididas as outras residências, já que todos moravam juntos, mas em alas diferentes. O

13 *Estádio*: medida (aparece, por exemplo, em Lucas 24:13); cerca de 185 metros. O *stadium, stadiion*, era a oitava parte da milha romana, tendo a equivalência de cerca de 125 passos ou 185 m. Era uma medida grega. A aldeia de Emaús distava de Jerusalém 60 estádios, ou mais de 10 km (Lc 24:13). Quando Jesus andava sobre o mar (Jo 6:11), os discípulos o encontraram após remarem 25 estádios, algo como 4,5 km.

14 *Cafarnaum* (em grego Καφαρναούμ, transliteração *Kapharnaoum*; em hebraico: כּוּרְנַת כַּפְרֵנָה, transl. *Kephar Nachûm*, “aldeia” ou “vila de Naum”): cidade bíblica que ficava na margem norte do Mar da Galileia, próxima de Betsaida (terra natal de Simeão Pedro) e de Corazim. Muito perto passava a importante Via Maris (Estrada do Mar), que ligava o Egito à Síria e ao Líbano e que passava por Cesareia Marítima. O fato de possuir uma alfândega (Mateus 9:9) e uma guarnição romana sugere que se tratava de cidade fronteiriça entre os Estados de Felipe e Herodes Antipas. Um centurião mostrou-se particularmente amistoso para com os judeus, construindo-lhes a sinagoga (Mateus 8:5-13; Lucas 7:1-10). Atribui-se a Jesus a realização de milagres em Cafarnaum (o servo do centurião, a sogra de Pedro, um exorcismo ao pôr do sol e outro na sinagoga, a cura de um paraplético e do filho de um oficial) e aí ensinou frequentemente (João 6:24-71; Marcos 9:33-50). Ficou conhecida como seu quartel-general durante o ministério na Galileia e foi chamada “sua cidade” pelo fato de aí ter fixado residência (Mateus 9:1; Marcos 2:1). Contudo, apesar do real impacto do seu ministério entre o povo, ele acabaria por se afastar; por isso, Cafarnaum, juntamente com Betsaida e Corazim, foi amaldiçoada por Jesus, que predisse a completa destruição das três. (Pesquisa baseada na Wikipedia)

perfume das oliveiras, o cheiro de comida e peixe invadiam o ambiente. Ao entrarem, os servos logo chegaram para auxiliar a desmontar a comitiva. As mulheres se dirigiram aos aposentos, enquanto Simeão buscou André, partindo em direção ao porto, onde os barcos esperavam pelo seu comando e pela rota de trabalho.

Zimra procurou logo se inteirar do estado de sua mãe, que não fora por se encontrar indisposta. Seu pai, Aristóbulo, pôs-se em descanso; Barnabé e Dan também.

À tarde, quando já refeita e descansada, depois da partida de Orlit e seu esposo Dan, Zimra sentou-se junto a sua mãe para lhe contar os acontecimentos. Era uma senhora forte que, com seus cabelos grisalhos, já estava beirando os 65 anos, com rosto redondo e pele morena. Conservava ainda um pouco da beleza que sua filha havia herdado. Zimra possuía os grandes olhos de sua mãe, mas a melancolia estava presente em suas faces de jovem senhora, cabelos lisos e enrolados nas pontas como os de seu pai. Era muito bela a esposa de Simeão. Já disposta a relatar como estava Marta, sua prima que muito amava, foram interrompidas por uma visita inesperada. A serva viera anunciar que Caleb chegara à residência e a aguardava no pátio junto ao jardim para conversar.

Caleb era um homem respeitado em toda a cidade, possuía o dom de a todos cativar; estudioso, se isolara no Egito por seis anos a fim de aprender com aquele povo, que um dia escravizara o seu. Caleb não conseguia compreender a profunda fascinação que desde pequeno sentia pelo Egito, pelos seus costumes, pelo seu povo. Ele tinha uma aparência robusta, olhos profundamente negros, pele morena e um sorriso claro e sincero; era alto e forte, porte aristocrático, e, embora muito simples, possuía o dom da simpatia.

Zimra o recebeu com alegria; era seu primo também, e, embora seu esposo não estivesse em casa, ela o recebia de forma acolhedora, pois o amava como a um irmão.

– *Shalom*, Zimra! – saudou Caleb.

– *Shalom*, primo! Que bons ventos o trazem? – perguntou Zimra, percebendo o brilho em seu olhar; logo viu que era Marta o motivo de sua visita.

– Ora, Zimra, venho saber notícias de nossa querida Marta, afinal, muito me preocupo com ela.

– Caleb, sabe que não deve alimentar nenhuma intenção com relação a Marta. Ela está muito bem, agora tem um filho.

– E como se chama? – inquiriu sorrindo.

– Job, ele é um belo garoto.

– Fico feliz só em pensar que ela está bem.

Caleb falara com sinceridade. Amava Marta, mas não esse amor que nos motiva ao egoísmo. Era o amor legítimo que quer o outro feliz.

– Caleb, apague Marta de seu coração. Procure uma boa moça e case, seja feliz. Seu pai o deixou em situação abastada, nada lhe falta a não ser um pouco mais de fé nas nossas tradições.

Zimra falava com total liberdade com Caleb. Cresceram juntos, ele sempre se revelou rebelde com as leis da Torá. Quando não era tido (por muitos) como um homem de pouca fé, um místico que procurava a luz fora das tradições judaicas, era realmente incompreendido, só sendo entendido por Marta, sua prima, por muito tempo a mulher que desejara como esposa. Na realidade o pai de Marta não queria que sua filha se unisse a Caleb por crer ser ele um homem duvidoso na sua crença, apesar de rico; não podia entregar sua filha aos cuidados de Caleb, por mais que ele se mostrasse digno.

Caleb abaixou o rosto, olhou nas flores que margeavam o jardim.

– Não posso, por mais que eu queira me sinto cativo do coração de Marta, me culpo por tê-la deixado. Se eu não tivesse adoecido, estaria casado com ela. Diga se ela me esqueceu, Zimra, você sabe, ela sempre foi sua amiga.

– Para que você deseja alimentar isto? Ela lhe tem afeto, é só o que posso dizer, mas está feliz com Elisha.

– Eu duvido, ele é um homem tradicional demais para Marta.

– Você acha que ele a maltratava, Caleb?

– Não, esqueça o que eu disse. Diga-me, e Simeão como está? E meu querido tio Aristóbulo? Trago notícias de nossos parentes distantes – tentou mudar o rumo da conversa; afligia-lhe sentir que não mais teria a doce companhia de Marta.

– Ora, papai vai adorar saber notícias da corte. Venha, vou pedir a Minar para trazer um pouco de vinho. Sente-se, papai já está vindo.

Naquele tempo, Herodes Antipas gastara vasta riqueza a presentear os romanos, na expectativa de que Roma o reconhecesse como rei. Aristóbulo era de linhagem herodiana, e ficava extremamente preocupado com o rumo que os fatos tomaram. Passados alguns minutos, Aristóbulo veio ter com ele, ávido por notícias boas.

– *Shalom*, Caleb.

– *Shalom*, meu querido tio.

– Que bom revê-lo na casa do meu genro. Agora que deixou o Egito, pretende ficar?

– Na realidade, tio, venho alimentando a ideia, mas não sei, afinal, tudo que planejei... Bem, o senhor sabe.

Caleb não negara a tristeza em seu coração por saber que Marta havia sido desposada. Seu tio, percebendo o que lhe ia ao coração, disse-lhe:

– Meu querido, não deve alimentar o passado, o que passou não retorna, é como as areias quando se movem, o vento espalha e outra direção tomam. D'us tem seus propósitos, não devemos desafiá-lo, afinal Barnabé buscou o melhor para Marta, que lhe esperou por cinco anos; quando chegou a notícia de sua enfermidade, todos já lhe acreditaram morto.

– Sei, tio, mas ainda estou perdido. Tudo o que conquistei foi para Marta, não consigo imaginar de outra maneira. Desde meninos juntos, eu a ensinei a ler as escrituras sagradas, mesmo contra os costumes, para que ela me acompanhasse. Marta é singular, é um ser dotado de talentos, os quais nosso povo prefere não ver

nas mulheres, nem reconhecer seu valor, que vai além do cuidado com o lar e da educação dos filhos.

Caleb era um homem diferente dos costumes do seu povo, via as coisas sob uma ótica diferente e chegava a chocar a comunidade com suas ideias e pensamentos que não condiziam com os costumes. O fato de seus pais terem morado no Egito, e de ele ter ficado por muito tempo após a morte deles sob tutela de um mestre das artes milenares do autoconhecimento, fez dele um homem muito diferente de seu povo. Por esse motivo, Caleb passara a não ser visto como um bom noivo para Marta, pois incentivava as mulheres ao conhecimento; ele acreditava em uma igualdade de pensamentos, e isso era inconcebível para o pai de Marta, que resolveu dar a mão de sua filha a Elisha, homem tradicional e cumpridor das leis.

– Caleb, foi por suas ideias que Barnabé fez esta escolha para Marta.

– Sei, sei – disse Caleb impaciente –, mas vamos às novidades – continuou, como que desejoso de mudar o rumo da conversa, pois em seu íntimo tinha seus planos.

– Sabe, tio, o povo de Jerusalém está convicto da chegada do Messias, e este novo profeta, João, anda dizendo muitas coisas a respeito deste homem, deste salvador.

– A realidade, Caleb, é que está escrito: “Um ramo surgirá do tronco de Jessé, e das suas raízes brotará um renovo”.

– Sem dúvida, tio. O profeta Isaías descreveu as qualidades com as quais o Messias será santificado: “o Espírito do Senhor repousará sobre ele, o espírito que dá sabedoria e entendimento, o espírito que traz conselho e poder, o espírito que dá conhecimento e temor do Senhor”, e em todas as qualidades o Messias será maior que qualquer judeu.

– A verdade, Caleb, é que já temos muitos rumores, mas este João só desafia a corte; creio que ele não é o Messias e nem sabe quem é.

A conversa transcorria harmoniosa até a chegada de Simeão, que se fez notar pelo alarido dos criados. Simeão adentrou o pátio residencial apressado, Zimra veio ao seu encontro sobressaltada.

– Simeão, o que demanda com tanta pressa?

– Não se assuste, apenas devo partir com André; uma de nossas embarcações não retornou ao porto, talvez esteja à deriva, ou necessitando de um auxílio para retornar; desde a primeira hora que André me aguardava com a notícia.

Caleb não pôde deixar de notar o espírito de comando daquele homem, que, embora rude, sabia se utilizar de bom-senso. Foi quando, resoluto, aproximou-se e disse:

– Não pude deixar de ouvi-lo, Simeão. Posso auxiliá-lo? Gostaria de cooperar com esta busca.

– Todos são bem-vindos se for para auxiliar. Vamos.

Simeão se despediu de Zimra e sua filha Sara, depositando um ósculo na fronte de ambas, enquanto Caleb se despedia do tio.

ERA FIM DE tarde quando Efrat bateu na porta de Elisha. Foi atendido por Mia, que não demonstrou qualquer suspeita com relação à sua visita. Ela o acomodou na sala, em meio aos tapetes e flores da residência. Elisha não demorou a recepcioná-lo, estranhando muito a visita inesperada; julgou ser algum problema relacionado à mãe dele, um tanto idosa.

– *Shalom*, Efrat, a que devo a alegria de sua presença em minha humilde casa.

– *Shalom*, Elisha, venho pedir-lhe com todo respeito a mão de sua serva Mia, para que dentro de doze luas o nosso casamento possa ser concretizado.

Mia, que adentrara a sala com o jarro de vinho, deixou-o cair, tamanho o susto.

Percebendo o estado de surpresa, Elisha exclamou:

– Muito me alegra que Mia possa ter sua casa e alguém tão bom para cuidar dela – disse ele, erguendo as mãos a fim de saudá-lo.

Ao pronunciar estas palavras Elisha não sabia que deixara Mia extremamente infeliz e nervosa. Querendo disfarçar sua angústia, ela recolheu os cacos do jarro de barro e saiu como quem nunca tivesse visto Efrat.

– Está bem. Agora, sente-se, podemos passar para o dote da noiva. Sabemos que Mia não possui pais, e por bondade sua foi acolhida. Estou muito feliz, e tudo correrá conforme os costumes e tradição.

Mia correria para seu quarto tentando não chorar, tamanha dor que sentia diante da indiferença de Elisha. Ela seria a esposa de Efrat. Pensou e compreendeu que as mulheres não decidiam e sim obedeciam. Sendo Elisha como seu irmão mais velho, cabia a ele desejar o melhor para ela, e o melhor era Efrat. Mesmo assim, orou pedindo a D’us forças para aquele momento em que o abandono era o maior sentimento do seu coração. Era um misto de abandono e raiva, uma ira que passou a ocupar o lugar do amor secreto que tinha por Elisha. No quarto, sob a luz de lâmparina, Mia pedia a D’us que algo mudasse o destino que a vida estava lhe traçando; não queria ser a esposa de Efrat, mas parecia que não era mais útil naquela casa. Talvez, se pedisse a Marta, quem sabe ela como esposa convencesse Elisha a não aceitar o casamento... Levantou-se e correu até o aposento onde Marta embalava o pequeno Job.

Enquanto Mia tenta desesperadamente mudar o rumo da situação, Elisha aceita Efrat como parte da família, e fica marcado o casamento de Mia para aquela data, contando doze meses, segundo a tradição. Feliz por finalmente ver que sua irmã adotiva iria ter um lar, uma família, agradeceu a D’us intimamente, não supondo que Mia odiava toda aquela situação.

Após todo o acerto, Efrat se retirou extremamente feliz. Caminhava pelas vielas de Betsaida, as pedras da rua pareciam não existir diante da leveza de seu coração jovem e afortunado. Efrat era alto, robusto, possuía uma longa barba, cabelos castanhos encaracolados, olhos vivos e profundos que externavam uma melancolia e uma força misteriosa; era um homem habituado ao comércio, astuto, mas afetuoso

para com todos; seguidor das leis de Moisés, jamais cogitou que Mia não pudesse desejá-lo, afinal possuía bens, uma casa própria, uma tenda de vendas famosa pelas belas peças trazidas de outras cidades – era um homem próspero, e queria uma esposa que pudesse lhe dar filhos e as alegrias de um lar, para ele e sua mãe.

Ao entrar no aposento onde Marta se encontrava, Mia o fez com certo temor, mas decidida a não ser a esposa de Efrat. Ao olhar para Mia, Marta notou sua inquietação e, preocupada, inquiriu:

– O que foi, Mia, está se sentindo mal?

– Não, Marta, apenas estou...

Quando Mia ia revelar o motivo de sua inquietação, Elisha entrou no aposento exclamando:

– Que as bênçãos do profeta se multipliquem em sua vida, Mia! Marta, Mia foi abençoada com o pedido de casamento de Efrat – disse Elisha, eufórico.

– Ora, então é por este motivo que está a chorar. Que alegria, Mia, não fique triste. Eu e Elisha a ajudaremos com seu dote, com suas roupas de núpcias e bodas. Você verá, tudo dará certo, como deu para mim – e abraçou-a com ternura.

Mia desabou a chorar, pois sabia que seu destino havia sido selado.

3. O funeral

EM CAFARNAUM, APÓS a partida de Simeão na busca pela embarcação que estava perdida, Zimra fica em seu lar na expectativa do regresso do esposo, embora continue com receio pela impetuosidade de Simeão, homem que nada teme e muitas vezes a deixa preocupada pelo seu futuro e de sua filha. Zimra, na ausência de seu esposo, prepara o peixe junto com os servos, administra todo o pescado, bem como a sua casa, afinal é dela a responsabilidade de a mercadoria chegar ao mercado com aspecto saudável. Neste ir e vir, seu pai, Aristóbulo, amanhece não se sentindo bem; sua mãe, Hanna, vem lhe pedir auxílio, pois não sabe o que fazer.

– Zimra! Zimra! – chama Hanna.

– Sim, mamãe, o que houve? Por que me chama com tanta aflição?

– É seu pai. Hoje não levantou, está com muita febre.

Zimra então vai até onde seu pai está. Naquele tempo as casas eram todas dispostas no pátio, cada qual com seus aposentos, embora a cozinha fosse compartilhada por todos. As casas eram dotadas de um portão central de entrada logo seguido de um pátio com outra saída pouco utilizada e cozinha. Nos dois lados da casa os demais ambientes eram distribuídos formando ambientes interligados pelo pátio, mas independentes. A casa de Simeão era adornada com muito jasmim e sândalos, sendo os cedros plantados em seu redor. Ao caminhar para o final do pátio, onde se situava a moenda de azeite, Zimra ouviu os gemidos de seu pai; apressaram o passo e ao chegar encontram-no a expelir quantidade de sangue significativa pela boca. Zimra observou que era grave, pediu a Minar para ir até o porto, na esperança de que Caleb não houvesse embarcado, pois muito entendia de doenças e dos remédios de seu povo. Foi até o átrio e pediu a outra serva que lhe trouxesse compressas; elas deveriam aliviar o mal que se instalara. Já era alta manhã quando Minar retornou. A serva não trouxe notícias boas, afinal o primo partira na embarcação com o propósito de auxiliar o esposo de Zimra.

O que ela poderia fazer? Talvez se fosse até a sinagoga conseguiria auxílio, mas as horas estavam passando e ela deveria ser prática como Simeão. Pensou em ir, mas temendo se ausentar resolveu ficar; porém, o caso de seu pai se agravava, por isso decidiu não sair de perto de sua mãe. Ela estava extremamente aflita, chamou seu servo Omar e lhe disse para chamar o médico com urgência.

Omar levou cerca de duas horas até encontrar o médico, que se dispôs a segui-lo. A tarde caía quando o médico deixou o lar de Zimra; seu pai não reagira e falecera de forma rápida, sem que o médico tivesse chance de reverter a situação. Zimra deveria ser forte e providenciar tudo para que o pai tivesse as honras em um lugar junto aos justos.

O RETORNO DE Barnabé e seus familiares para Corazim¹⁵ correram sem grandes problemas. Afinal estavam em sua bela cidade. Corazim era situada em um belo vale, ficava a 13 estádios de Cafarnaum, na direção do mar da Galileia, também intitulada de “a cidade dos grãos”. Haviam-se passado dois dias de sua chegada. Quando a mensagem chegou a Corazim, Aristóbulo havia feito a grande viagem ao mundo dos justos. Barnabé ficou lívido diante do passamento de seu irmão amado; Orlit, sua filha não conseguiu crer que tal fato houvesse ocorrido, afinal há dois dias estavam todos felizes a conversar, a desfrutar das alegrias de D’us. Quando Dan informou a notícia que um mensageiro trouxera, Orlit estava dando ordens ao servo no preparo do banho matinal de seu pai. Agora que Dan havia relatado todos os fatos, se preparavam para o funeral, ou para pelo menos tentarem estar com Zimra e seus familiares.

Em Betsaida a notícia chegou a Elisha, que preferiu não contar para Marta, temendo que seu leite secasse diante da grande tristeza que isto lhe causaria, afinal não tinham nenhuma ama de leite para Job, e não seria correto fazer com que o pequeno sofresse. Ao sair da sinagoga, pensava em uma forma de se ausentar de Betsaida sem que Marta desconfiasse, para prestar seu concurso fraterno a sua prima e ao esposo Simeão. Fora meditando no caminho e, quando chegou em casa, não percebeu que sua esposa o esperava ansiosa para ter uma conversa com ele. Era sobre Mia, que estava extremamente modificada após o pedido de casamento de Efrat.

Mia passara a ser indiferente a todos, estava disposta a qualquer coisa que a livrasse deste casamento. Não desejava ser a esposa de ninguém, a não ser de Elisha. Foi aí que uma ideia funesta passou a lhe percorrer o coração e a mente. Sem perceber, Mia estava sendo envolvida por forças trevosas que a incitavam ao assassinato e à cobiça de tudo que Marta possuía. Planejava e pensava em como seria maravilhoso se Marta não existisse; talvez então Elisha a poupasse do casamento e a deixasse ficar com o pequeno Job e com a casa, e ela poderia conquistá-lo através do pequeno. Sem perceber que as entidades maldosas se ligavam a ela pelo pensamento, infundindo enorme satisfação na ideia do assassinato de Marta, passou a acreditar que essa com certeza seria a solução. Um sorriso maldoso esboçou-se em seu semblante quando Elisha retornou e disse para ela que se ausentaria por alguns dias, e que ela auxiliasse Marta no que fosse possível.¹⁶

15 Corazim foi uma vila ao norte da Galileia, a cerca de 2,5 km de Cafarnaum, acima da costa norte do Mar da Galileia, uma cidade judaica de produção de trigo de boa qualidade, denominada, junto com Betsaida e Cafarnaum, nos Evangelhos de Mateus e Lucas, como “cidades” (mais do que pequenas aldeias), nas quais Jesus realizou a maior parte de seus prodígios; contudo, como essas cidades “não se arrependeram” (Mateus 11:20), foram posteriormente amaldiçoadas. (Nota baseada na Wikipedia)

16 “Os espíritos influem em nossos pensamentos e ações? Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, muitas vezes, são eles que vos dirigem”. (*O Livro dos Espíritos*, questão 459)
 “Os maus, ao contrário, apegam-se àqueles em quem encontram presa fácil; se conseguem se apoderar de alguém, identificam-se com o espírito deste e o conduzem como a uma criancinha”. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, “Da obsessão”, item 237).

Mia começou a planejar o que deveria fazer para que tudo corresse da melhor forma.

Marta, que nada percebeu, ficou entristecida pelo fato de seu marido ter que se ausentar; não entendeu por que ele deveria ir a Cafarnaum, mas se ele dissera que era para visitar o rabino da vila, que necessitava de uma assistência especial, não se preocupou; orou a D'us para que Elisha tivesse a proteção do Todo-Poderoso, sem cogitar que quem estava em perigo era ela. Quando Marta orou, forte luz se fez presente em seu quarto; era sua mãe, que, através da prece, se fazia presente como que a distribuir luzes e equilíbrio para todo o ambiente; era uma chuva dourada que descia sobre Marta e seu pequeno, que aos poucos ia se associando à casa como um forte jato que percorria em ondas sutis o ambiente. À medida que a vibração era percebida pelos irmãos das trevas, eles saíam como que apavorados pela doce luz da oração, embora do lado de fora da casa duas entidades se mantivessem ligadas ao lar, principalmente a Mia, que alimentava as ideias de inveja, ódio e assassinato de Marta.¹⁷

* * *

ELISHA PARTIU PARA Cafarnaum levando somente uma leve bagagem, não pretendia se demorar.

Após a notícia da morte de seu pai, Zimra deu início aos preparativos do funeral, afinal Simeão não se encontrava, e seria necessário que ela fosse forte para realizar tudo, apesar da grande dor que sentia em seu coração. Hanna não acreditava que seu esposo fora chamado ao reajuste com D'us. Estava em estado de paralisia completa, com seus olhos sempre perdidos no horizonte, cabeleira caída nos ombros, que mais parecia um véu cinza criado pelos fios brancos que já cobriam boa parte do cabelo negro que possuía; ela apertou as mãos de sua filha, o único tesouro que possuía no momento, Zimra, a filha amada, abraçando-a pela perda do esposo; gritou e chorou convulsivamente.

Zimra pediu que todos fossem avisados do passamento do seu pai.

Quando Elisha chegou ao mercado de Cafarnaum, todos já sabiam do acontecido. Dirigiu-se à residência de Simeão, onde foi recebido e pôde reconfortar Zimra, que explicou a ausência de seu esposo:

– Meu esposo teve que se ausentar devido a um problema em uma das embarcações, por isso eu mesma quero agradecer por você ter vindo Elisha. E Marta como está?

– Marta está ótima. Mas diga-me como poderei ser útil a você neste momento difícil?

17 “Através da prece, o homem atrai o concurso dos bons espíritos, que vêm apoiá-lo em suas boas resoluções, e inspirar-lhe bons pensamentos. Adquire, assim, a força moral necessária para vencer as dificuldades e reentrar no caminho reto, se dele se afastou; e também assim pode desviar de si os males que atrairia por sua própria falta”. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVII, “Pedi e obtereis”).

– Sim, Elisha, me auxilie com os rituais na sinagoga. Não sei muito bem como devo agir, afinal Simeão sempre cuidou disso tudo.

– Fique tranquila, Zimra, eu providenciarei tudo, afinal você está só.

E rumou para os preparativos do cadáver.

Não demorou muito para que Orlit e Dan também chegassem à residência. Barnabé parecia não crer no que estava acontecendo, afinal seu irmão estava bem; com certeza já deveria estar a caminho de uma nova vida, pensou consigo.

Havia a crença, entre alguns judeus, de que ao morrer o espírito logo iria para outro corpo; Barnabé acreditava que seu irmão já estava a nascer.

Após Elisha ter ordenado que lavassem o corpo de Aristóbulo, este foi envolvido em um *talit*¹⁸, o qual foi cortado em uma das pontas. Depois de envolto no *talit*, nenhum parente poderia mais desenrolar o corpo ou olhar para ele. Elisha encaminhou o corpo para a sinagoga, onde foi lido o *kadish*¹⁹. Todos ficaram comovidos diante da cena de mãe e filha que, em prantos, se despediam de Aristóbulo, que fora envolvido por uma luz tênue, a qual lhe subtraiu o espírito, que estava ainda ligado ao corpo, em estado de confusão mental²⁰. Diante da luz azulada, nosso irmão foi levado ao socorro merecido após uma vida de lutas terrenas.

Ao saírem da sinagoga, mãe e filha se amparavam diante da dor que a partida do esposo e pai causara. Foram providenciadas comidas e esmoladas para que fossem depositadas em doações a todos os necessitados, para que a memória de Aristóbulo fosse honrada, como era costume. Nos trinta dias seguintes, sua memória seria honrada por seus familiares com doações de toda espécie.

Barnabé parecia imerso em pensamentos tristes, temia a morte e não queria que D’us o levasse. Foi quando Elisha se aproximou.

– Caro sogro, é muito triste tudo isso, mas cremos que em breve seu irmão estará entre nós. D’us é justo e bom.

– Sim, Elisha, somente o Salvador, o Messias, poderá vencê-la, e nos libertar de tudo.

– É verdade, mas creio que o grande profeta demorará a nos libertar. E afinal, este João Batista, o que pretende?

– Creio que é mais um lunático que se aproveita do povo. Sabe como é, ele não é o grande profeta, mas o povo o adora, diz que todos devem ser batizados e devem se arrepender. Nós, que somos o povo de D’us, como podemos blasfemar? Não concordo com este homem.

– Compreendo suas ponderações, mas D’us sabe o que é melhor, não julgemos, creiamos na palavra. É o melhor a fazer.

18 *Talit*: xale, estola ou manto sacerdotal, com franjas.

19 *Kadish*: do aramaico קדוש, “sagrado”, é o nome dado à prece feita em enterros de entes falecidos. (Nota com base na Wikipedia)

20 É comum que equipes espirituais estejam presentes em processo de desenlace, chegando a ser visualizadas, pela forte impressão magnética que deixam no local. (Nota dos espíritos)

– E a minha doce Marta, como reagiu diante de tudo isso?

– Eu não pude contar a ela sobre Aristóbulo, temi que Job sofresse a perda do leite. Demais, em que ela poderia ser útil? Só seria mais um peso na viagem.

– Está bem, Elisha, está bem.

Ao entrar em seu lar, Zimra sentia imensa falta de seu esposo. A casa parecia mais do que vazia, parecia que ninguém existia. Sua serva Minar aproximou-se.

– Senhora, deseja se alimentar?

– Não, Minar. Você também sabe que a partir de hoje não beberemos vinho, nem comeremos carne por sete dias. Providencie tudo para que corra como os costumes e, por favor, despeça todos aqueles que trabalham na casa e no mercado. O luto deve ser seguido pelos próximos sete dias.

* * *

NAQUELA TARDE EM que Simeão rumou para o porto com Caleb, André os aguardava junto a Zebedeu. André era um homem simples que tinha uma calma profunda e uma simpatia nata, a qual contagiava a todos. Nada realizava sem antes informar a Simeão, que, como irmão mais velho, assumia a direção de todos os problemas. Passavam por uma época de estiagem da pesca, ela estava difícil, nem sempre retornavam com bom pescado para ser salgado e repassado no mercado. Era Simeão quem comandava os homens, juntamente com Zebedeu, e eles tomavam todas as atitudes mais importantes do grupo que administravam – eram proprietários de uma excelente frota de barcos, com homens firmes no propósito do trabalho.

– *Shalom!* – Zebedeu saudou Simeão naquela tarde.

Homem de estatura mediana, cabelos grisalhos e olhos vivos, tez morena, um homem forte com seus trajas alvos, externava uma alegria em seu semblante.

– *Shalom*, Zebedeu – retrucou Simeão. – Este é Caleb – apresentou com toda simpatia que cabia em seu coração simples.

– *Shalom* a todos os irmãos.

– Parece-me que tem problemas por aqui? – falou Simeão.

– Ora, Simeão, estes homens querem navegar pelo mar como se conhecessem todas as armadilhas, mas acabam trazendo-nos prejuízos. Veja, não retornaram, e se algo aconteceu por certo perderemos embarcação, homens e mercadorias.

– Não pensemos desta forma, antes peçamos a D’us que os proteja, e que nos mostre o caminho para chegarmos até eles – disse André.

– Este é meu irmão, André – disse Simeão. – Devemos sim perceber as perdas que teremos, mas devemos também ter confiança de que D’us tem um propósito para tudo isto. Melhor subirmos nesta embarcação e rumarmos pelo mar até visualizá-los. A partir de agora eu não irei permitir que nem uma única embarcação vá às águas mais profundas, é demasiado perigoso.

Caleb, que a tudo observara, preferiu deixar que eles decidissem.

– Você nos acompanha, Caleb? – disse André.

– Lógico, será um prazer ajudá-los. Apenas não tenho experiência, mas tenho boa vontade.

– Antes assim – retrucou Simeão.

Logo zarparam sem um rumo, apenas foram como que pelo instinto nato de quem lida com as águas havia muitos anos. Procuraram aproveitar a profundidade para alçar as redes em busca do peixe que por dias estava cada vez mais escasso, obrigando as embarcações a se afastarem cada vez mais dos embarcadouros. O lago era de profunda calma, como um mar azul a conduzi-los, a brisa e o sol faziam voltar os pensamentos para o passado. Caleb deixou-se conduzir a Marta. Como Caleb pensava em sua amada! Como sentia em seu peito a falta daquela que amara boa parte de sua infância e adolescência, que o fez descobrir o sentimento do amor! É verdade que teve de se isolar em casa de amigos no Egito, mas jamais deixou de amá-la e de desejar ter um lar com rebentos. E eles sempre se entenderam.

Os olhos de Caleb voltaram ao firmamento, recordou-se de seu mestre essênio, que o fez muitas vezes rever uma vida passada no Egito. Não compreendia por que seu mestre lhe falava que por sua culpa não estaria com quem ele mais amava, não sabia o porquê disso... Queria compreender por que perdera seus pais ainda jovem, por que seu tio o conduziu a uma escola de terapeutas, tipos tão distantes do meio judaico, embora fossem judeus e pertencessem ao mesmo povo. Eram tantas perguntas, e precisava de respostas.

E este profeta que libertaria o seu povo? Sabia que ele estava próximo, mas não compreendia como surgiria, como ele libertaria o povo do jugo dessa escravidão romana. Suspirou quando André de repente gritou:

– Embarcação! Embarcação!

Caleb levantou-se para olhar. Graças ao bom D’us, eles acenavam.

Ao chegarem próximos, perceberam que só havia alguns homens. Eram três ao todo, pareciam febris, embora estivessem em pé, estavam extremamente queimados pelo sol. Simeão logo perguntou o que aconteceu; um deles respondeu:

– Senhor, Jonas veio a se acidentar, e infelizmente D’us o levou. Ficamos só nós, e não temos a mesma habilidade de ler o caminho, acabamos nos afastando da costa, mas D’us nos salvou, enviando-nos vocês.

Simeão, tomando o comando do barco, ordenou a todos o retorno a Cafarnaum, e Caleb, que muito entendia da medicina que aprendera no Egito, cuidou dos homens que estavam desidratados e famintos. Ao chegarem a Cafarnaum, Simeão, Caleb, André e o restante da tripulação amarraram no porto as embarcações e começaram o retorno para seus lares. André, deixando a embarcação, pensava ir para casa de um de seus companheiros prestar contas a Zebedeu, no entanto encontrou-se com Tiago, que os aguardava próximo ao porto. Após os cumprimentos, quando Simeão se preparava para falar, Tiago lhe dirigiu a palavra:

– Simeão, vai ter com os seus, pois não terá boas notícias do seu lar.

Simeão franziu a testa como quem não compreendia, mas não perguntou a Tiago o que se passava; angustiado, marchou para o mercado, a fim de saber notícias. Foi rapidamente pelas ruas sem sequer dar tempo para qualquer explicação. Caleb, que presenciou a cena, pegou a bolsa onde se encontravam as roupas e objetos pessoais de ambos, seguindo-o sem também nada dizer. Parecia que as tendas do mercado, o ir e vir, os risos e as conversas atrapalhavam a marcha; era o cheiro forte de ervas, de comida, que se misturava às vozes e ao intenso calor; o colorido das tendas, as joias, os tecidos e os mercadores no alvoroço da oferta; as moedas a tilintar nas bacias; o povo se aglomerando; e Simeão como que empurrava os transeuntes, nem parava para os cumprimentos habituais.

André, após inteirar-se com Tiago do que ocorrera, despediu-se do amigo e rumou na mesma direção, aflito pelo passamento do sogro de Simeão. Precisava estar próximo a Zimra; com toda certeza a família estava chocada, e ele, como cunhado, não poderia deixar de lá estar prestando o auxílio solidário.

Simeão, ao entrar em sua rua, percebeu um número expressivo de pedintes. Sabia que algo estava errado. Coração aflito, pensou em sua filha e em sua esposa, as pernas como que tremeram, mas, em sua aspereza, suspirou profundamente e, empurrando o povo humilde que se aglomerava, percebeu a figura de Omar, o servo leal da família, que a todos atendia com solicitude. Ele estava com um pedaço de tecido negro preso à roupa – era o luto, costume quando algum membro falecia: o tecido negro é posto sobre a roupa. Compreendeu que o motivo de as pessoas estarem ali era referente às honras ao morto. Entrou como que aflito, por acreditar que poderia ser sua filha, mas para alívio de seu coração Sara brincava no pátio junto aos pés de jasmim; mais adiante Zimra estava em pé junto à sua mãe, como que a amparando.

Sua filha, ao vê-lo, correu:

– Papai, papai!

Sara agasalhou-se, e o abraçou forte, com o cheiro do lago, era como um bálsamo para ambos. Zimra veio ao encontro com a alegria que seu coração oprimido lhe permitia. Ele abraçou-a e, notando a ausência de seu sogro, logo compreendeu o que havia acontecido. Zimra chorou ao abraçar seu esposo. Com tudo o que havia acontecido, ela não tivera tempo de desabafar, de demonstrar a dor do seu coração. Simeão apiedou-se de sua esposa, entendendo o motivo de seu pranto. Amava-a com profundidade e respeito. Devia ter sido extremamente difícil para ela.

Caleb, ao penetrar na casa, observou tudo, sempre muito perceptivo. Sentia a ausência de seu tio e de imediato constatou a presença de Elisha na casa. Ele aparecera no pátio acompanhado de Dan e Barnabé. Todos estavam emocionados, mas Caleb pensava em Marta. E se ela estivesse ali também? Seu coração pulsou aceleradamente, uma onda violenta de ciúmes o assolou. Como seria revê-la com Elisha? A mulher amada, a companheira de infância, a amiga e irmã que se tornara a mulher perfeita para o seu coração... E aquele homem, intruso que se apoderara de sua alegria, de seu sonho...

Parou, percebendo que estava sendo egoísta naquele momento, pensando em si quando a dor assolava aquele lar. Tratou de se corrigir e parou de pensar nisso. Melhor ignorar, fazer de conta que nada acontecia. Elisha, que estava sempre muito bem trajado, aproximou-se do grupo e logo percebeu Caleb.

– *Shalom* a todos.

Zimra falou:

– Simeão, se não fosse Elisha, não teria conseguido providenciar tudo. Foi D'us que o trouxe aqui.

– Obrigado, Elisha, serei sempre grato a você – disse Simeão, apertando-lhe a mão.

– Nada deve me agradecer, não fiz mais que meu dever – retrucou ele com falsa modéstia.

Caleb, aproximando-se, saudou-o com um aceno, retirando-se para um dos aposentos da casa grande. Encontrando-se com Minar, pediu-lhe que providenciasse algo para se alimentar (falou diretamente a ela porque sua prima parecia demasiadamente alheia a tudo). Minar, que sempre sentira uma simpatia por Caleb, logo o advertiu:

– Sabe, meu senhor, que nos abstermos da carne e do vinho. Portanto, lhe levarei figos e tâmaras, bem como o pão para todos.

– O que você fizer será bem feito, mas conte-me tudo Minar, não quero incomodar os outros. Sinto-me melhor aqui nesta cozinha com você.

– Senhor, deste jeito sinto-me honrada.

– Não tem por que se sentir honrada. Aprendi junto aos essênios que somos todos iguais.

– Como pode isso, doutor? Não está a blasfemar?

– Esqueça, Minar, esqueça. Será que eu poderia me banhar e trocar minhas roupas antes de ir para minha estalagem?

Foi quando Zimra entrou e, encontrando-o a palestrar com Minar, lhe disse:

– Você continua o mesmo, sempre a providenciar o que precisamos. Já percebo que não devo me preocupar. Minar, providencie o banho perfumado para todos, para que mais tarde possam se reunir.

Caleb aproximou-se de Zimra e perguntou-lhe:

– Marta veio com Elisha?

– Não, ele a poupa pelo filho.

– Pelo menos não é um homem severo.

– Ora, Caleb, não fale do que não sabe. Ele é um doutor da lei, não iria querer que o filho ficasse impuro diante da situação. Você não entende das coisas, nem parece que passou tantos anos na escola judaica do Egito.

– Prima, eu sei muito mais do que possa supor – e calou-se, pensativo.